

# Plantando uma floresta de árvores genealógicas<sup>1</sup>

**ESTHER HECHT**

Escritora e editora

*Traduzido do inglês por Grete Bejzman*

SALLYANN AMDUR SACK ESTAVA PROFUNDAMENTE ENVOLVIDA NA SUA CARREIRA de psicóloga clínica em Washington, D.C., quando sua filha de 15 anos veio para casa do acampamento e anunciou que queria pesquisar a árvore genealógica da família. Em 1977, mãe e filha começaram juntas a escrever a todos os parentes conhecidos e a aos arquivos nacionais. A filha logo perdeu o interesse, mas Sack ficou cativada.

“Há uma mágica na genealogia”, disse ela. “Ela combina meu amor em ser judia, minha grande curiosidade sobre pessoas, meu interesse em história.”

Baseada no que descobriu, ela, junto com um primo, escreveu e ela mesma publicou um livro sobre sua avó ao qual chamou de “Em busca da Família” (*Search for the Family*).

Depois, Sack iniciou uma carreira adicional não remunerada, de líder de uma pesquisa de famílias judias. Em 1981, ela fundou a Sociedade Genealógica Judaica de Washington, a segunda no país e, em 1984, organizou o primeiro encontro internacional de genealogia, em Jerusalém. Com o genealogista e expert em computação, Gary Moko-toff, ela foi cofundadora da revista de genealogia *Avotaynu* ([www.avotaynu.com](http://www.avotaynu.com)), que ela ainda edita, e ajudou a fundar a Associação Internacional das Sociedades Genealógicas Judaicas.

Em torno da década de 1990, Sack e outros membros da associação internacional deram-se conta de que a genealogia judaica não era mais apenas um passatempo. Eles desejavam criar uma estrutura organizacional para garantir que a próxima geração pudesse continuar esse trabalho. Havia chegado o momento de tornar a genealogia judaica uma disciplina acadêmica a ser ensinada como parte dos programas dos estudos judaicos, atrair outras disciplinas e gerar pesquisa acadêmica. Assim nasceu o Instituto Internacional para a Genealogia Judaica e Centro Paul Jacobi ([www.iiijg.org](http://www.iiijg.org)), em Jerusalém, que abriram suas portas em janeiro de 2006 com Sack como sua presidente.

O principal objetivo do Instituto é criar um banco de dados abrangente que servirá tanto para acadêmicos – historiadores sociais, por exemplo – como para genealogistas. Sack o descreve como a reconstituição da corrente da história judaica que Hitler destruiu, deixando apenas fragmentos.

Muitos desses fragmentos podem ser encontrados no banco de dados do Yad Vashem, em Jerusalém, a Autoridade da Recordação dos Mártires e Heróis do Holocausto ([www.yadvashem.org](http://www.yadvashem.org)), que contém informações sobre três milhões dos seis milhões de judeus que pereceram. E esse banco de dados foi recentemente acrescido dos arquivos de Bad Arolsen, da Alemanha: 50 milhões de páginas que constituem os registros mais completos existentes sobre a perseguição nazista.

Mas cada fragmento é como um ponto apenas, diz Sack. Para juntá-los e completar a corrente, diz ela, é necessário conhecer as “redes de parentesco” nas comunidades, is-

to é, “não somente quem estava vivo às vésperas do Holocausto, mas também como essas pessoas eram relacionadas umas com as outras”. Isto requer juntar dados de várias fontes.

O objetivo final – o qual Sack admite ser megalomaniaco – é reconstituir as redes de parentesco de todas as comunidades pré-Holocausto; 23.500 estão listadas em *Onde um dia Caminhamos: Um Guia sobre as Comunidades Judaicas Destruídas no Holocausto*. (*Where Once We Walked: A Guide to Jewish Communities Destroyed in the Holocaust*, Avotaynu), um livro que ela escreveu em co-autoria com Mokotoff. Toda esta informação deverá ser representada visualmente por meio de gráficos e incluídos no website do Instituto, caso um dia ele seja criado.

Sack é a diretora do projeto, o qual, por causa de sua extensão, está sendo realizado em colaboração com pesquisadores de fora do Instituto. Até agora, foi completado um programa piloto sobre Pusalot, na Lituânia, que tinha 120 judeus às vésperas da Guerra, dos quais todos, com exceção de um, pereceram. Dois genealogistas cujos antepassados viveram em Pusalot montaram árvores genealógicas que mostram como as pessoas eram relacionadas e também quem havia ido embora antes da guerra.

Pesquisar as redes de parentesco de uma pequena comunidade como Pusalot, que tinha apenas 12 famílias e apresentá-las graficamente é relativamente simples. Criar redes de parentesco e representação gráfica para comunidades muito maiores é uma tarefa difícil que requer técnicas sofisticadas de computação, nas quais Sack e outros pesquisadores afiliados ao Instituto estão trabalhando.

A tarefa exige mesclar grandes bancos de dados como, por exemplo, o do Yad Vashem e o de Ellis Island, e suplementar essas informações com registros civis. Também requer a “normalização” dos

nomes, ou seja, usar programas de computador que possam reconhecer se Isaac Cohen em um banco de dados e Yitzhak Kagan em outro são a mesma pessoa. O projeto também requer a entrada do máximo de variáveis possíveis, tais como lugar de nascimento e data da morte, o que é mais complexo, diz Sack. Esse grande projeto ocupará o Instituto nos próximos anos.

Semelhante ao projeto piloto de Pusalot, há outro, realizado em colaboração com o Instituto por um historiador da Universidade Emory em Atlanta. Eric Goldstein criou um abrangente banco de dados genealógico dos laços familiares em Darbenai (Dorbian, em iídiche), uma cidade da Lituânia, entre 1760 e 1941. Ele escolheu Darbenai por ter raízes ancestrais lá e depois de ter descoberto uma enorme quantidade de material de arquivo disponível. Mas ele diz que, objetivamente, essa cidade é tão boa para um estudo de caso como qualquer uma das muitas cidades onde os judeus viveram nesse período.

Goldstein, porém, vai além do objetivo do estudo Pusalot. Ele pretende mostrar como os laços familiares influenciaram os que vieram morar na cidade, quem ficou e quem foi embora. Ele também está estudando como os laços familiares determinavam as ocupações, o status, o comando nos negócios da comunidade e a maneira como lidavam com a modernização, a industrialização e a migração. Sua pesquisa fornece um quadro mais completo da vida num *shtetl* da Lituânia e destrói muitos mitos antigos sobre essas comunidades, onde mais da metade dos judeus da Europa Oriental viveu. Segundo Goldstein, os historiadores que escreveram a história dos judeus da Europa Oriental geralmente ignoraram a família e focaram apenas em tópicos como movimentos intelectuais e religiosos e a história das organizações comunitárias e o autogoverno judaico. Mas a rede familiar foi

um fator muito mais importante na vida diária da média dos judeus.

“Em Darbenai, as redes de famílias foram as principais estruturas usadas para organizar a vida social como, por exemplo, quando alguém era convocado para o serviço militar,” diz Goldstein. Os laços familiares eram importantes também, não somente dentro da aldeia, mas na região mais ampla.

“O *shtetl* nos é apresentado como um local isolado e ligado à tradição,” diz ele. “Mas pessoas vinham e iam embora todo o tempo. (Darbenai) era parte de uma rede mais ampla de cidades – redes por casamentos, por exemplo.”

E quando, no final do século XIX, os judeus começaram a deixar Darbenai por causa das dificuldades econômicas e políticas, os parentes foram atrás para destinos longínquos, inclusive Paterson, Nova Jersey; Harrisburg, Pittsburgh e Punxsutawney, Pennsylvania; Halifax, Saint John e Moncton, Canada; Krugersdorp e Kroonstad, África do Sul; e Rehovot, Palestina. Em alguns desses lugares, especialmente nas províncias marítimas canadenses, os judeus que vieram de Darbenai mantiveram seus laços, na medida em que até mesmo a terceira geração de canadenses casou dentro da mesma rede social.

Continuando a pesquisa sobre Darbenai, Goldstein, além do estudo patrocinado pelo Instituto, vai além dos laços de parentesco e inclui um estudo detalhado da geografia da cidade, isto é, a localização precisa de cada casa judaica e instituição, e sua relação com as casas, os negócios e as instituições não judaicas. Seus achados sepultaram outra hipótese difundida, ou seja, a de que o *shtetl* era uma cidade judia na qual os judeus quase não tinham contato com os não judeus. Mas os judeus em Darbenai tinham vizinhos não judeus. Eles viviam próximo ao mercado que servia tanto aos residentes judeus quanto aos não judeus da cidade. Darbenai estava localizada próximo à fronteira ale-

mã e os judeus frequentemente a cruzavam. Goldstein descobriu que os judeus de Darbenai “eram muito mundanos, falavam várias línguas e tinham mais contato com não judeus do que eu esperava. Havia muitos aspectos cosmopolitas em suas vidas, mesmo vivendo uma vida dentro da tradição.”

Entender a vida judaica pré-Holocausto, não somente nos *shtetlekh* mas também fora deles, está entre os objetivos do Instituto. Quando o diretor do Instituto, Neville Lamdan, começou a pesquisar a árvore genealógica de sua própria família há 30 anos atrás, ele presumia que seus antepassados tinham vivido em um *shtetl*, um centro comercial ou de comercialização, com uma população relativamente grande de judeus e não judeus. Afinal de contas, é isto que se ouve na maior parte das vezes em relação à Europa Oriental e, por boas razões, diz Lamdan, ex-diplomata que vive em Jerusalém, “a maior parte da pesquisa que temos é sobre os *shtetlekh*”.

Mas quando seguiu pesquisando a história de sua família, finalmente chegando até 300 anos atrás, ele descobriu com surpresa que seus antepassados, cujo sobrenome era Mandel, não haviam vivido numa cidade, mas em uma aldeia. Ou seja, eles viveram em pequenas comunidades rurais em torno de uma cidade, mas não necessariamente a uma curta distância dela. Sua curiosidade se aguçou, Lamdan ampliou o escopo da sua pesquisa e descobriu que, assim como sua própria família, quase a metade dos judeus da Europa Oriental viveu em pequenas aldeias.

Com esse novo conhecimento, vieram novas perguntas. Nos *shtetlekh*, os judeus algumas vezes eram a maioria ou ao menos eram em número suficiente para ter uma gama completa de instituições, inclusive, uma sinagoga, uma *mikvah*<sup>3</sup>, uma escola e um cemitério. Porém nas aldeias, embora fossem capazes de reunir um *minián*<sup>4</sup>, eles não ti-

nham açougue *kasher*<sup>5</sup> assim como não tinham uma *mikvah* para as mulheres. “Porém eram imensamente judeus (e) alfabetizados,” muitas vezes tanto em hebraico como em íídiche, diz Lamdan. Como o conseguiram? Como puderam duas ou três famílias manter suas tradições na aldeia que ficava longe de uma cidade?

Landman espera que essas questões sejam respondidas pelos pesquisadores do Instituto ao prosseguirem em suas principais áreas de pesquisa: história judaica na perspectiva genealógica, genealogia rabínica, onomástica (o estudo das formas e origens dos nomes), aspectos interdisciplinares da genealogia judaica, genealogia judaica e ciências da computação, e fontes e recursos para a genealogia judaica.

O acesso a documentos pós-Holocausto nunca foi tão bom para os genealogistas judeus. Sua pesquisa recebeu um incremento a partir da abertura dos arquivos, antes inacessíveis, após o colapso da ex-União Soviética. “Para uma família para a qual eu apenas podia fazer uma história oral que levaria de volta ao século XIX e sobre quem eu nada sabia, agora eu posso documentar 300 anos de sua história, tudo baseado em documentos poloneses e russos disponíveis no arquivo de Minsk,” diz Lamdan. “E mais e mais fontes estão sendo descobertas, à medida que as pessoas pesquisam mais nos arquivos.”

Sack e seus colegas acumularam uma grande quantidade de informações sobre quais registros existem e onde. Outro projeto do Instituto consiste em mapear esses recursos, cidade por cidade. E ainda outra meta é lançar uma revista baseada nas avaliações de pareceristas (*peer-reviewed journal*), a forma mais rigorosa e, conseqüentemente, a forma mais conceituada de publicação acadêmica.

Embora o Instituto não vá trabalhar diretamente com pesquisadores individuais não profissionais, diz Lamdan que a pesquisa deles enriquecerá e avançará o trabalho dos historiadores de família,

em parte produzindo ou disponibilizando instrumentos que os ajudarão. Enquanto isso, os historiadores de família que recém estão começando suas pesquisas encontrarão um rápido guia no site do *Avotaynu*.

Combinando genealogia com os testes de DNA, por exemplo, os pesquisadores individuais podem aperfeiçoar seu conhecimento sobre suas famílias. Mas o teste de DNA às vezes traz surpresas, como aconteceu com Alain Farhi, um negociante egípcio que vive nos EUA. Farhi tem feito pesquisa genealógica sobre sua família desde a década de 1980 e tem um amplo site chamado *Les Fleurs d’Orient* ([www.farhi.org](http://www.farhi.org)). Ao longo dos anos, o site cresceu, tendo mais de 80 mil famílias relacionados (inclusive famílias ligadas pelo casamento) da Europa, Oriente Médio e Ásia. Muitos são sefaradim<sup>6</sup>, Ashkenazim<sup>7</sup> ou caraitas<sup>8</sup>, e há também cristãos e muçulmanos.

Farhi é o diretor de um projeto do Instituto que visa a um estudo em conjunto sobre a migração sefaradita através da Itália e do Império Otomano e especialmente da Grécia, conduzido pelo FamilyTreeDNA de Houston ([www.familytreedna.com](http://www.familytreedna.com)), pelo Dr. Doron Behar do Centro Médico Rambam em Haifa e por Michael Hammer da Universidade do Arizona. Os pesquisadores pediram a Farhi informações de seu vasto banco de dados para o estudo de um marcador genético que identificaria descendentes de pessoas que podem ter vivido na Espanha antes da Inquisição e que mais tarde emigraram para a Itália e para o Império Otomano. Usando o Y-DNA (material genético passado de pai para filho), os pesquisadores pretendem descobrir onde, na Espanha pré-expulsão (isto é, antes de 1492), tiveram origem as famílias judias selecionadas e esclarecer as ligações entre elas.

Tanto Farhi quanto os pesquisadores defendem os benefícios dessa colaboração. Para o estudo da

migração, os pesquisadores necessitavam, e Farhi pôde fornecer, informações sobre 54 judeus cujos documentos foram encontrados e que levavam à Espanha pré expulsão e cujos antepassados não tinham sido obrigados a mudar sua fé.

Farhi esperava que os resultados dos testes de DNA confirmassem as hipóteses que ele tinha levantado sobre a origem de sua própria família. Os pesquisadores realizaram testes de DNA em 54 indivíduos com 27 diferentes sobrenomes. Para Farhi, o achado mais surpreendente foi sobre os indivíduos cujo sobrenome era igual ao seu. Sua hipótese original era que todos os Farhis que ele tinha pesquisado são descendentes dos mesmos irmãos Farhi da Espanha. Sua amostragem dos 54 incluía dois Farhis da Síria, um da Tunísia e três da Bulgária. Todos eram originários da Bulgária e, tomando como base documentos encontrados, alguns pareciam ser distantemente relacionados e outros eram potencialmente relacionados. Para surpresa de Farhi, o teste de DNA porém mostrou que eles não tinham ancestrais comuns.

Além de investigar a migração das famílias, será proveitoso aos genealogistas também poderem trabalhar junto com pesquisadores de outras disciplinas sobre doenças judaicas, tais como Tay-Sachs, e em particularidades médicas. De acordo com Lamdan, os pesquisadores médicos estão interessados em trabalhar com genealogistas porque precisam saber, não somente quais famílias podem estar transmitindo a doença por hereditariedade, mas também onde a doença pode ter se originado e como ela se propagou entre o grupo judaico. “E aqui genealogistas podem ajudar a fazer o rastreamento”, diz Lamdan.

O Instituto, junto com vários outros institutos de pesquisa, está localizado na Biblioteca Judaica Nacional e Universitária em Jerusalém. A biblioteca tem vastos recursos/material para genealogia

judaica, esperando serem pesquisados, inclusive os trabalhos de Paul Jacobi. Jacobi, um genealogista de Jerusalém falecido em 1997, deixou cerca de 400 livros e árvores genealógicas que estão sendo catalogadas. Apesar de estar localizado em Jerusalém, o Instituto é internacional e tem uma diretoria internacional de genealogistas líderes judeus.

De acordo com Lamdan, a pesquisa será mais fácil e mais significativa quando houver padrões decididos em conjunto, por exemplo, para registrar os nomes próprios e os nomes de lugares. Mokotoff, um líder da genealogia judaico-americana, assumiu o projeto de criar padrões aprovados de comum acordo para a gestão da genealogia em geral, com adaptações às necessidades especiais dos genealogistas judeus.

“A genealogia judaica alcançou um nível de maturidade,” diz Lamdan, “no qual podemos passar da perspectiva individual para uma perspectiva mais ampla.”

Enquanto isso, a grande dedicação de Sack à genealogia, e por essa perspectiva mais ampla, atraiu seus filhos e netos e ela acredita que isto aprofundou seus laços com seu povo. Seu neto inclusive pediu-lhe que deixasse seus trabalhos como herança para ele.

Sack diz que todo o judeu que ela viu se engajar em genealogia torna-se mais judeu porque “seu judaísmo se torna mais visível. Quando você sabe sobre como seu bisavô foi exilado para a Sibéria e seus ancestrais tornam-se reais, você se sente como um elo na cadeia da história.”

#### NOTAS

1 Este texto foi publicado anteriormente no *Magazine Hadassah*, January 2010 Web Extra, com o título “Planting a Forest of Family Trees” e reproduzido nesta edição de WebMosaica com a autorização da autora, recebida em 6/12/2010.

2 Shtetl (pl. *shtetlekh* – Pequeno aglomerado urbano onde viviam os judeus do Leste Europeu.

3 Mikvah/micve/mikve – banho ritual por imersão em uma espécie de banheira ou piscina, para fins de purificação ritual.

4 Minián – quorum de dez homens, judeus maiores de idade (que tenham feito bar-mitzvá), indispensáveis para o ritual da sinagoga ou para qualquer serviço religioso.

5 Kasher (kosher) – Comida preparada de acordo com as leis dietéticas judaicas ou kashrut.

6 Sefaradi (pl. sefaradim) – judeu oriundo da Península Ibérica.

7 Ashkenasi (pl. ashkenazim) – judeu alemão; por extensão, todo judeu da Europa Central.

8 Caraitas/Karaitas – membros da seita judaica do sec. VIII que rejeitava a lei oral ou o ensino rabínico pós-bíblico, aderindo somente à Bíblia.